



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**HADASSA DOS SANTOS BESERRA**

**A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL E AS CONTRIBUIÇÕES  
PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA**

**RECIFE**

**2019**

**HADASSA DOS SANTOS BESERRA**

**A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL E AS CONTRIBUIÇÕES  
PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado(a) em Pedagogia, orientada pelo(a) Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana Cristina na Silva.

**RECIFE**

**2019**

**HADASSA DOS SANTOS BESERRA**

**A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL E AS CONTRIBUIÇÕES  
PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA**

Data da Defesa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2019

Horário: \_\_\_\_ horas

Local: Sala \_\_\_\_\_ - UFRPE

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_

Profa. Dra Orientador(a) Fabiana Cristina da Silva

\_\_\_\_\_

Profa Dra. Examinador(a) Interno(a) Carmi Ferraz Santos

\_\_\_\_\_

Profa. Dra Examinador(a) Externo(a) Dilian da Rocha Cordeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- B554r Beserra, Hadassa dos Santos  
A revista da Escola Bíblica Dominical e as contribuições para o ensino e aprendizagem da leitura / Hadassa dos Santos  
Beserra. - 2019.  
54 f. : il.
- Orientadora: Fabiana Cristina da Silva.  
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em  
Pedagogia, Recife, 2021.
1. Revista da Escola Bíblica. 2. Educação não-formal. 3. Ensino da Leitura. I. Silva, Fabiana Cristina da, orient. II.  
Título

CDD 370

---

*Esse trabalho é dedicado ao Deus Trino, ao único e verdadeiro Deus. Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele. E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele.*

## AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é destinado ao Deus a quem eu sirvo, pois Ele é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim de tudo, e sem Ele nada seria possível. O Senhor é a minha fortaleza, o meu consolo, o meu refúgio, o meu eterno fanal. É quem sopra em mim o folego de vida todos os dias, e rocha nenhuma há como Ele. No qual estarei firmada enquanto viver.

Minha trajetória contou com a participação de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Aos meus pais, por sempre cuidarem de mim, por me orientarem sobre a importância da educação, e por nunca deixarem faltar o necessário. Sou grata a Deus pelas vossas vidas.

Aos professores, que tanto nos ensinaram. Não a todos, mas aos que efetivamente contribuíram para o nosso crescimento intelectual. Aos que nos trataram bem e com respeito, que foram compreensivos e nos animaram a seguir adiante, que tiveram paciência, e que nos possibilitaram chegar onde estamos. Sempre lembrarei de vocês com afeto e admiração.

E aos meus amigos. Aqueles que me deram palavras de apoio, que me incentivaram, me cobraram para fazer os trabalhos, me emprestaram livros, me ajudaram com algumas atividades quando eu estava perdida, e comemoraram minhas conquistas. Muito obrigada.

“Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado, não é treinamento repetitivo de uma habilidade, nem um martelo quebrando blocos de gramáticas.

[...]

Letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, e de tudo que pode ser.”

(Kate M. Chong, apud Soares, 1998, p.40)

## RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar a revista do 4º trimestre da Escola Bíblica Dominical da classe dos juniores em uma igreja da Assembleia de Deus, em relação ao Eixo Leitura do ensino da Língua Portuguesa. O trabalho está baseado teoricamente na compreensão de leitura e letramento segundo Boff (1997) e Soares (2002), nas concepções de Gadotti (2005), Gohn (2006 e 2014) e Libâneo (2001) a respeito de educação não-formal, e nas orientações para o ensino da leitura presentes na BNCC (2017). Trata-se de uma pesquisa documental de perspectiva qualitativa de acordo com Chizzotti (1998). Utilizamos um conjunto de instrumentos metodológicos pertinentes à metodologia da análise de conteúdo de acordo com Moraes (1999) e Bardin (2010). Tivemos por objetivos: descrever a estrutura da revista e sua utilização; identificar, categorizar e analisar o conteúdo das parábolas contidas na lição “As histórias de Jesus”, e sua relação com o Eixo Leitura da Língua Portuguesa presente na BNCC; e indicar como a linguagem utilizada nos textos podem auxiliar na compreensão e/ou utilização metáforas. Ao final da investigação foi possível perceber os aspectos da revista que ajudam a desenvolver habilidades para a formação de bons leitores.

**Palavras-Chave:** Revista da Escola Bíblica. Educação não-formal. Ensino da Leitura.



## **ABSTRACT**

This research aimed to analyze the magazine of the 4th trimester of the Sunday School of the Juniors class in an Assembly of God church, in relation to the Reading Axis of the teaching of the Portuguese Language. The work is theoretically based on reading and literacy comprehension according to Boff (1997) and Soares (2002), Gadotti (2005), Gohn (2006 and 2014) and Libiliar (2001) conceptions about non-formal education, and in the guidelines for teaching reading in the BNCC (2017). This is a documentary research from a qualitative perspective according to Chizzotti (1998). We used a set of methodological tools pertinent to the content analysis methodology according to Moraes (1999) and Bardin (2010). We sought to: describe the journal's structure and its use; identify, categorize and analyze the content of the parables contained in the lesson "The Stories of Jesus", and their relationship with the Portuguese Language Reading Axis present in the BNCC; and indicate how language used in texts can assist in understanding and / or using metaphors. So that at the end of the investigation it was possible to understand the aspects of the magazine that help to develop skills for the formation of good readers.

**Keywords:** Bible School Magazine. Non-formal education. Reading Teaching.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Figura 1** – Capa da Revista

**Figura 2** – Apresentação da Revista

**Figura 3** – Sumário da Revista

**Figura 4** – Plano de Frequência

**Figura 5** - Primeira página da Lição

**Figura 6** - Segunda página da Lição

**Figura 7** – Terceira página da Lição

**Figura 8** – Quarta página da Lição

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Breve histórico da inserção das lições bíblicas nas escolas dominicais.

**Tabela 2** – Lições da EBD e Eixo Leitura

## **LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS**

ARC – Almeida Revista e Corrigida

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus

EBD – Escola Bíblica Dominical

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

REBD – Revista da Escola Bíblica Dominical

SEA – Sistema de Escrita Alfabética

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	04
<b>CAPÍTULO I: A leitura e sua presença: na vida, nos espaços de educação não-formal, e na Base Nacional Comum Curricular</b> .....	06
1.1 Leitura e Letramento: algumas considerações .....	06
1.2 A Escola Bíblica Dominical como espaço de educação não-formal .....	13
1.3 O ensino da língua portuguesa na BNCC .....	15
<b>CAPÍTULO II: Entendo a Metodologia</b> .....	18
2.1 Natureza, meios e instrumentos da pesquisa .....	18
2.2 Universo pesquisado .....	19
2.3 Metodologia de análise .....	21
<b>CAPÍTULO III: Conhecendo a revista da Escola Bíblica Dominical</b> .....	22
3.1 Um pouco da história das EBD'S .....	22
3.2 A Escola Bíblica Dominical: breves considerações .....	25
3.3 A Revista da Escola Bíblica Dominical: estrutura, organização e utilização .....	26
<b>CAPÍTULO IV: A Revista da Escola Bíblica Dominical e os Componentes do Eixo Leitura</b> .....	33
4.1 A linguagem utilizada nos textos da RBED .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

A leitura é um importante meio para a formação do indivíduo, em especial, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois é nesse período que os conhecimentos adquiridos pelas crianças a respeito da língua escrita terão grande impacto no desenvolvimento delas enquanto leitoras e cidadãs ao longo de suas vidas. Isso porque, a infância é o momento de aquisições essenciais para a construção do ser humano, tanto do ponto de vista social, quanto cognitivo.

Sabe-se que quando um sujeito consegue fazer uma leitura adequada há também maiores possibilidades que esse mesmo sujeito consiga entender assuntos distintos, tenha contato com diferentes culturas e informações, e torne-se então capaz de refletir e agir criticamente a respeito dos fatos que ocorrem à sua volta. Por este motivo, faz-se necessário que pedagogos e profissionais ligados ao campo da educação estejam a par de diferentes meios e suportes para o ensino da leitura - em diferentes espaços educacionais.

Segundo Libâneo (2002), a escola não é o único lugar onde os processos educacionais acontecem e nem é o único modelo de educação. Nessa perspectiva, compreende-se que diversos lugares podem ser espaços para a formação do indivíduo, onde também podemos incluir a igreja e mais especificamente a Escola Bíblica Dominical (EBD). Pois durante a trajetória da vida, adquirimos conhecimentos por meio de experiências sociais individuais, seja na escola, no núcleo familiar, ou em instituições educacionais não formais como ONGs e instituições religiosas.

O aprendizado da Língua Portuguesa é um direito de todo cidadão brasileiro, sua importância está relacionada à necessidade que o ser humano tem de se comunicar, e como vivemos em uma sociedade grafocêntrica, daí a imprescindibilidade de ler, falar e escrever bem. Como professores, devemos explorar esse amplo universo, buscando estratégias para melhor fazê-lo, ultrapassando sempre o ensino mecânico de regras e normas, e promovendo o desenvolvimento de cada indivíduo de modo integral.

Deve-se considerar que toda criança possa ter acesso a meios de reflexão, e que o conhecimento adquirido através da leitura é um dos agentes formadores de opinião, tornando pessoas críticas e conscientes de suas ações na sociedade, fazendo do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa um processo baseado em propostas interativas. Cientes de que quanto mais frequente for o hábito de ler e mais diversificado for o tipo

de leitura, mais ampla será a capacidade de interpretação, o vocabulário, a memória, a escrita e as formas de comunicação do sujeito.

Foi a partir dessa compreensão, do entendimento do quanto o ato da leitura pode ser significativa para o indivíduo, de que as práticas de leitura devem ultrapassar os muros da escola, e da vivência como docente na Escola Bíblica Dominical, que surgiu o interesse de analisar o conteúdo de um material de ensino que é ofertado para as crianças dentro deste espaço religioso. Procurando entender como o conteúdo desse material está relacionado com o ensino do Eixo Leitura, o que pode contribuir para um maior o grau de letramento desses sujeitos.

Procuramos responder o seguinte problema de pesquisa: **Como a revista da escola dominical pode contribuir para o ensino e para a aprendizagem da leitura?** Examinou-se se o conteúdo da revista infantil utilizada na EBD contempla elementos pertencentes ao eixo da leitura, componente curricular para o ensino da Língua Portuguesa, e se busca desenvolver nos educandos determinadas habilidades. Entendendo como um princípio pedagógico do ensino da Língua Portuguesa, que

[...] a linguagem é o lugar da diversidade e da heterogeneidade de práticas culturais; que as práticas de leitura e escrita não podem acontecer apenas dentro do ambiente escolar, que precisam ser sensíveis às diferenças culturais e linguísticas, e que precisam ser utilizadas a favor da formação cidadã e de uma aprendizagem significativa da língua materna. (BUZEN, 2014)

Portanto, essa pesquisa tem como **objetivo geral**, analisar a revista do 4º trimestre da Escola Bíblica Dominical da classe dos juniores em uma igreja da Assembleia de Deus, em relação ao eixo da leitura do ensino da língua portuguesa. Esperando, que ao final do trabalho possamos como **objetivos específicos**:

- Descrever a estrutura da revista e sua utilização;
- Identificar, categorizar e analisar o conteúdo das parábolas contidas na lição “As histórias de Jesus”, e sua relação com o Eixo Leitura da Língua Portuguesa presente na BNCC;
- Indicar como a linguagem utilizada nos textos podem auxiliar na compreensão e/ou utilização de metáforas.

## **CAPÍTULO I: A LEITURA E SUA PRESENÇA: NA VIDA, NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL, E NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**

Vivemos em uma sociedade na qual a grande maioria das pessoas é letrada, salvo aquelas que vivem de maneira isolada. Isso porque, todos os dias, e desde o nosso nascimento, somos bombardeados com uma infinidade de informações textuais, e estamos inseridos em diversas situações nas quais são necessárias a prática da leitura e da escrita. Lemos quando vamos ao supermercado, quando passamos por um outdoor, quando temos que pegar um ônibus, ao folhear um catálogo de produtos, ao avistar a fachada de uma loja, ao receber um panfleto ou uma receita médica... não importa onde e como, ler faz parte da nossa rotina. Rangel (1990) afirma que a leitura, independentemente de ser agradável, prazerosa, ou confortável, é necessária e indispensável quando se trata de aprendizagem, em qualquer nível, e em qualquer circunstância, seja na escola ou fora dela, em grupo ou só. São esses elementos em torno da leitura, do letramento, da educação em espaços não –formais e dos documentos oficiais que iremos abordar nesta fundamentação teórica.

### **1.1 LEITURA E LETRAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A história da leitura e da escrita se amálgama de tal forma com a história da raça humana que o período que os historiadores chamam de pré-história corresponde exatamente àquele em que a escrita sistematizada ainda não havia sido inventada. Alguns eventos e ferramentas ao longo dos séculos foram tão importantes para o desenvolvimento destas atividades que estão estabelecidos como marcos, sendo o primeiro deles a escrita cuneiforme, datada de aproximadamente 3.500 anos antes a.C. e que recebeu esse nome por ser talhada com material em formato de cunha. Este tipo de escrita surgiu da necessidade de facilitar e impulsionar o comércio, pois era preciso uma testemunha capaz de recordar com exatidão os cálculos, os valores e as quantidades das mercadorias, e por isto os primeiros registros encontrados eram contábeis e comerciais. A escrita em seu aspecto basilar foi fundamental para a expansão e organização das sociedades, e apesar de ser diferente da leitura; já que ela representa o som enquanto



leitura favorece o significado, sua invenção simboliza não apenas a possibilidade de testemunhar os anais da humanidade, mas novas formas de ler e interpretar o mundo.

Passamos pela época dos escribas, pelo Código de Hamurabi, a Pedra de Roseta, a Prensa de Gutenberg, escrevemos em tabuletas de argila, em óstracos, papiros e pergaminhos, com pena, lápis, caneta e máquinas de escrever. E de lá para cá não só os suportes, os instrumentos, as maneiras e formas de escrever foram modificados, mas também as leituras, os leitores e o conceito que temos do ler. Nas sociedades antigas a escrita e a leitura eram um privilégio exclusivo de pessoas ligadas a funções hierárquicas, como reis, sacerdotes e escribas, e ler tratava-se de uma atividade praticada oral e coletivamente. Como afirma Fischer (2006, p.09): “Durante a maior parte da história da escrita, ler denotava falar”. O hábito de ler de maneira silenciosa e individual manifestou-se apenas com os monges copistas na Idade Média que careciam de um ambiente silente que favorecesse a atenção e a precisão no trabalho, expandiu-se e laicizou-se precipuamente no século XV com o advento da imprensa, e popularizou-se com romantismo literário e as feiras de livros em várias cidades europeias no século XVIII.

Hoje compreendemos o ato de ler e suas múltiplas funções juntamente com o que é ser um sujeito leitor e os diferentes perfis existentes de maneira distinta do que se pensava há séculos ou até mesmo décadas atrás. Como afirma Kleiman:

A concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a de leitura como prática social que, na Linguística Aplicada, é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler. (2014, p.14)

Esta visão em nada nos faz lembrar os tempos em que havia a proibição de circulação de exemplares entre pessoas que não eram consideradas adequadas para obter o conhecimento, em que ler era algo restrito apenas para as camadas mais altas da sociedade. Não recorda a leitura só como a observação da madeira ou a recitação de cálculos, ou o leitor como um mero transmissor e não receptor, em uma época em que poucas pessoas tinham motivo para aprender a ler, mas reflete a ótica atual da leitura como um direito e uma necessidade básica de todos os indivíduos que se acham em

sociedades letradas, pois a aquisição desta habilidade tornou-se tão relevante que é capaz de propiciar o desenvolvimento e a sobrevivência pessoal e do corpo social.

Lemos para distrair, para informar, para orientar, para conhecer, para entender, e para aprender. Mas o que é ler? O ato de ler consiste, a princípio, no processamento de informações de um texto com a finalidade de interpretá-lo. O processo de leitura utiliza duas fontes de informação: as que chegam visualmente ou através do tato – no caso do braile -, e dizem respeito às informações e sinais gráficos presentes no texto, e as não-visuais ou além da visão, que consistem no conjunto de conhecimentos pessoais do leitor. A respeito da definição de leitura Fisher citando Mitchell a explica como a “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”. O leitor “emprega os símbolos para recuperar a recuperação de informações em sua memória e, em seguida, cria, com essas informações, uma interpretação plausível da mensagem do escritor”. (FISCHER, 2006, p.11). É tanto um processo fonológico, quanto semântico-visual, pois ao ler, uma pessoa não apenas codifica e decodifica os signos do sistema de escrita unindo o som ao grafema, mas também utiliza os conhecimentos que possui até aquele momento para construir os significados do texto.

No início, o conceito de leitura

[...] consistia na mera capacidade de obtenções de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado. Mais tarde, passou a significar, quase de modo exclusivo, a compreensão de um texto contínuo com sinais escritos sobre uma superfície gravada. Mais recentemente, incluiu também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica. E a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade (FISCHER, 2006, p.11).

No presente, com uma rápida busca em um dicionário brasileiro da língua portuguesa como o Michaelis, encontramos muitas outras definições. Podemos dizer que “leitura” significa:

1 Ato ou efeito de ler.

2 Processo de construção de sentido por meio da interação dinâmica entre o conhecimento do leitor, a informação sugerida pelo texto e o contexto em que se dá a leitura.

3 POR EXT Processo cognitivo de compreender uma mensagem linguística escrita.

4 Material escrito que se destina a ser lido: *O professor nos orientou sobre as novas leituras para o exame final.*

5 Seleção específica desse material a ser lido: *Revi minhas leituras do romance brasileiro contemporâneo.*

6 Quantidade de obras lidas por uma pessoa: *Eis um homem de muita leitura.*

7 FIG. Interpretação particular de alguma coisa que se estudou, observou ou vivenciou; análise, apreciação, compreensão: *Conseguiu fazer uma nova leitura de um romance bastante popular.*

8 FIG. Interpretação e desempenho de algo (p ex, de um texto teatral ou da partitura de uma composição musical): *Uma leitura sensível do papel principal. O ator fez uma leitura perfeita do papel principal.*

9 TEAT. Decifração e interpretação dos diferentes sistemas cênicos que se oferecem à percepção do leitor de um texto dramático ou do espectador de uma encenação.

10 GRÁF. Ato de ler provas para encontrar e corrigir erros de composição.

11 Ato de olhar e tomar conhecimento da indicação de um instrumento de medição ou de quaisquer sinais que indiquem medidas ou aos quais se atribui alguma significação.

12 Resultado de uma medição que se realizou com algum instrumento.

13 TECN. Ato de reconverter dados codificados em seu formato original (p ex, transformar códigos ilegíveis ou criptografados em texto legível).

14 INFORM. Ato de transferir dados de uma fonte de entrada para a memória de um computador.

15 JUR. Ato de ler em voz alta os termos ou escrituras de certos atos jurídicos. (LEITURA, 2019)

Destarte, é preciso dizer que a concepção de leitura que este trabalho apresenta se aproxima do definido por Boff (1997, p. 10) ao afirmar que:

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma realidade, [...] Sendo assim, fica evidente que todo autor é coautor.

Ler não é um processo simples, e não são poucas as estruturas que temos que movimentar para realizar uma leitura, são acionados diferentes dispositivos. Ao ler é preciso haver o esclarecimento do propósito da leitura, a identificação dos aspectos importantes de uma mensagem, a focalização da atenção nos conteúdos mais importantes que triviais, o monitoramento contínuo, além de verificar se os objetivos estão sendo atingidos e tomar ações corretivas quando ocorre falha na compreensão. Segundo o esquema de modelo cognitivo de leitura de Bruer (1995), pode-se dizer que o processo de leitura começa na fixação ocular, passando pelo reconhecimento das palavras, que inicia o processo linguístico-gramatical, que possibilita a elaboração do modelo de texto, finalizando na supervisão metacognitiva, tudo ao mesmo tempo. Ademais, cabe ressaltar que nenhum texto é constituído única e exclusivamente pelo aspecto verbal, como defendem Gunther Kress e Theo van Leeuwen: “Todos os textos são multimodais. A língua sempre tem de ser realizada por meio de, e vem acompanhada de outros modos semióticos” (1998, p.186)

O fato de uma página por exemplo, ser composta além da linguagem escrita, de elementos como: tipografia, cor e tamanho das letras, diagramação, imagens, gramatura do papel, tamanho da tela, GIFs, vídeos, e tantos outros aspectos e componentes; nos lembra que a comunicação é, além de verbal, visual e gestual, e isto exige cada vez mais dos leitores numerosas habilidades. Hodiernamente, devido a esta multimodalidade, para que alguém possa aprender a ler e a escrever, é preciso levar em consideração a existência dela nos diversos meios de comunicação, seja em livros, jornais e revistas, seja em computadores, celulares, televisores, ou qualquer outro suporte. O professor tem então a tarefa de estimular e produzir aulas que proporcionem aos alunos as competências do metaconhecimento, sem esquecer que este aprendizado deve ser significativo e colaborar para a produção de sentido em diferentes contextos sociais, e apoiado no princípio que “o trabalho de todo o processo ensino-aprendizagem apresenta-se como um grande instrumento na transformação de um aluno-cidadão em um cidadão mais autônomo” (GASPARIN, 2011, p.122)

O acesso à leitura, desde a infância, pode ser um dos mecanismos que contribuem para uma formação de valores no indivíduo, tornando-o mais crítico, forjando um olhar para os fenômenos ao seu redor mais holístico, possibilitando vivenciar profundamente as experiências externas e o que lhe é cotidiano, fazendo-o enxergar o mundo, o eu e o outro de uma outra maneira. Muitas são as funções da leitura, e o contato com ela desde a infância é, sem dúvidas, um excelente investimento

que se faz para a vida. Pois além de contribuir para uma boa prática de escrita, a leitura faz com que o indivíduo vá além da compreensão do sistema de escrita alfabética (SEA), possa refletir sobre o que lê, sobre a realidade que o cerca, sobre o mundo além do seu olhar, e assim repensar suas ações e posições como a gente transformador, a fim de uma sociedade mais justa, garantindo o bem comum a todos. Assim sendo, podemos dizer que

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p.146)

Logo, há uma compreensão de que o acesso à leitura é imprescindível para as crianças, mesmo aquelas que ainda não são alfabetizadas, superando as práticas pedagógicas de alfabetização que apenas estimulam a reprodução textual sem que haja de fato uma reflexão sobre o que está sendo produzido.

Visto que, ao vivenciarem práticas de leitura outros aspectos como a oralidade também são trabalhados, e ouvir leituras de diferentes gêneros realizadas por outros, criam um repertório para que futuramente elas possam ser alfabetizadas de maneira completa, tendo ciência daquilo que escrevem e leem. Pois como afirma Marcos Bagno (2010, p.1):

A língua é a nossa faculdade mais poderosa, é o nosso principal modo de apreensão da realidade e de intervenção nessa mesma realidade. Vivemos mergulhados na linguagem, não conseguimos nos imaginar fora dela – estamos mais imersos na língua do que peixes na água.

Para tanto, é importante compreender sobre o significado de letramento. Segundo o verbete descrito no glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), letramento é definido como o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (SOARES, S/D)

O letramento faz parte da vida de crianças que ainda não são alfabetizadas, e até mesmo de um adulto que nunca aprendeu a ler e a escrever, se estes estiverem inseridos em um meio onde a leitura e a escrita forem constantes. Isso porque as práticas de letramento acontecem em situações cotidianas, seja em casa, na igreja ou em outros ambientes, como por exemplo, nos momentos em que o sujeito ouve um sermão bíblico, dita o conteúdo de uma carta ou bilhete, escuta a leitura de um jornal ou pede para que alguém leia um aviso. Se esse sujeito está rodeado de material escrito, se enquanto criança folheia livros e finge escrever, ele pode ser considerado alguém letrado. Porque letramento não é apenas ler e escrever, mas se refere às habilidades de leitura e escrita enquanto prática social. Segundo Kleiman (1995, p. 18)

[...] as crianças, de certo modo, são letradas antes mesmo de serem alfabetizadas. Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz: “olha o que a fada madrinha trouxe hoje!” Está fazendo uma relação com um texto escrito, um conto de fadas. Assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como o de ouvir uma história antes de dormir), também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e, sendo assim, essa criança pode, inclusive, ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever.

No entanto, existem diferentes graus de letramento e tipos de letramento, uma vez que as práticas e os eventos de letramento também são díspares para cada indivíduo. A respeito das práticas de letramento Mortatti expõe: “[...] são múltiplas e diversas, pois dependem das formas como as pessoas e grupos sociais integram a língua escrita em seu cotidiano e dos processos e estratégias interpretativas utilizadas pelos participantes de um processo de interação” (2004, p.106). Enquanto sobre eventos de letramento, Barton & Hamilton (1998, p. 8) conceituam: “[...] são atividades em que o letramento desempenha um papel. Geralmente existe um texto escrito, ou textos, que é central para a atividade e falas em torno do texto. Eventos são episódios que emergem das práticas e são definidos por elas”. Ou seja, as práticas de letramento estão relacionadas com a maneira que um grupo confere significado a leitura e a escrita, abrangem os comportamentos exercidos pelos participantes do evento de letramento e também as suas concepções sociais e culturais.

Pode-se dizer, *exempli gratia*, que um indivíduo que tem contato com a linguagem bíblica, que estuda, ouve ou lê passagens bíblicas, possui uma experiência de letramento diferenciada ou mais elevada do que aqueles que não tem. Isso se deve ao fato de que além da Bíblia ter uma linguagem própria que geralmente obedece a norma

padrão culta e erudita, há muitos textos bíblicos que são simbólicos, e que quando os lemos não podemos limitar-nos a entender as palavras. Para uma leitura eficaz desses textos, é fundamental o estudo do contexto do autor e dos destinatários de tal texto. Além disto, a Bíblia é composta também de textos que narram um acontecimento. E se um acontecimento é narrado não é porque o autor quis simplesmente comunicar o acontecido. Significa que aquele fato era importante para a comunidade e tem um sentido que transcende ao próprio acontecimento histórico. Assim sendo, é correto afirmar que, a leitura da bíblia e de outros meios de estudo, a familiaridade com literatura, canções, jograis, teatro, poemas, assim como a propinquidade com outros gêneros e materiais; avulta o baú de conhecimentos individuais, e amplia os artifícios que tornam uma pessoa letrada e leitora proficiente.

## 1.2 A ESCOLA BÍBLICA DOMICAL COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Muitos autores enfatizam que os processos educacionais acontecem não só dentro, mas também fora dos espaços escolares. Libâneo, por exemplo, discorre acerca dos agentes educativos sendo eles formais e não-formais nos quais ocorrem ações pedagógicas que podem acontecer em grupos humanos organizados em instituições não escolares. “Verifica-se, pois, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal [...]” (LIBÂNEO, 2001, p. 05). Desse modo, no que diz respeito à educação não formal, Libâneo entende todas as influências das organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, e dos grupos sociais sobre o indivíduo, que contribuem de maneira direta ou indireta sobre o mesmo.

A educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Nossa concepção de educação não formal articula-se ao campo da educação cidadã – a qual no contexto escolar pressupõe a democratização da gestão e do acesso à escola, assim como a democratização do conhecimento. Na educação não formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o (s) outro (s). (GOHN, 2014, p. 40)

Para Gohn, a educação não-formal é um processo que envolve várias dimensões, e dentre elas está a aprendizagem de conteúdos que possibilita aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor. Ela caracteriza os “outros”, aqueles com quem interagimos ou integramos, como os grandes agentes educadores nesse tipo de educação. E os territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, como sendo os espaços educativos. Nesses locais acontecem processos interativos intencionais, e é essa questão da intencionalidade um elemento importante de diferenciação entre a educação não-formal e a informal. Pois a educação não-formal ocorre em ambientes e situações interativas construídas coletivamente, seguindo diretrizes de determinados grupos, e com uma intencionalidade na ação de aprender, transmitir e trocar saberes.

Além disso, segundo a autora, a educação não-formal é aquela que “capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais.” (GOHN, 2006, p.29). Podendo fazer com que os grupos que dela participam atinjam o aprendizado das diferenças, da convivência com os demais, da socialização e do respeito mútuo. Entendemos assim a educação não - formal como aquela voltada para o ser humano como um todo. Uma educação que não substitui ou compete com a Educação Formal, escolar, mas que poderá ajudar na sua complementação, através de programações específicas, que unem escola e comunidade educativa. “A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos[...]” (GOHN, 2006, p.32). E isso acontece devido à forma e aos espaços nos quais as práticas são desenvolvidas, como em um conselho ou a participação em uma luta social, contra as desigualdades, por exemplo.

Podemos então, considerar a Escola Bíblica Dominical como um espaço educacional não-formal, que acontece dentro das igrejas, uma vez que nela são desenvolvidos laços de pertencimento, pois, como é característico da educação não-formal, “fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo.” (GOHN, 2006, p.30). Nesse lugar há espaço para que as pessoas possam aprender e expressar os novos saberes adquiridos por meio de uma nova linguagem, e são proporcionados conhecimentos específicos através da leitura e discursos orais para



crianças, jovens e adultos de todas as idades. Pois os textos estudados, além de possuírem um vocabulário amplo, são enriquecidos com informações de caráter cultural, histórico e científico. Sabe-se que

[...] a grande maioria dos textos bíblicos antes de serem lidos foram apenas ouvidos. Muito tempo depois é que foram registrados por escrito. E de que depende a compreensão completa de um texto, de que depende o acesso ao sentido por parte dos atores sociais envolvidos? [...] depende dos conhecimentos linguísticos e enciclopédicos, de fatores culturais e dos diversos contextos em que se dá o diálogo ou a interação. (COSTA, 2006, p.108)

Essas são algumas das habilidades estimuladas nesse espaço de educação, que são necessárias para desenvolver uma boa leitura e escrita, e que fazem parte dos aspectos que precisam ser trabalhados oficialmente no ensino da Língua Portuguesa.

### 1.3 O ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA NA BNCC

O ensino da Língua Portuguesa está organizado em quatro eixos, são eles: leitura de textos, produção de textos, oralidade e conhecimentos linguísticos. Esses eixos servem para orientar as atividades em sala de aula, pois o ensino não pode ocorrer de maneira aleatória, é preciso organizar as práticas de maneira que se consigam levar os alunos a se apropriarem, progressivamente, das capacidades de compreender textos e de produzi-los em diferentes modalidades. De modo que, respeitando sempre a faixa etária e as fases de desenvolvimento cognitivo dos estudantes, e de acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao final de cada ano letivo ou ciclos escolares os objetivos sejam introduzidos, aprofundados e depois consolidados.

Dentro do eixo da leitura, por exemplo, é preciso realizar atividades que proporcionem a localização de informações explícitas em textos de diferentes gêneros, temáticas, e que esses possam ser lidos com autonomia. Enquanto no eixo da produção de textos, deve-se oferecer meios que tornem os alunos capazes de planejar a escrita de textos considerando o contexto de produção, organizar roteiros e planos gerais para atender diferentes finalidades. Esses objetivos estão propostos na BNCC, e são os que estão relacionados ao eixo da leitura que se buscou na revista da EBD, a fim de identificar as práticas de linguagem, os objetos de conhecimento, e as habilidades, que estão nela presentes, ou que podem ser desenvolvidas por meio da sua utilização nas aulas.

É importante que conheçamos e trabalhemos com a BNCC porque, apesar de muitos debates e controvérsias em torno do seu conteúdo, é a partir dela que as políticas públicas em educação deverão ser aperfeiçoadas e é nela que se propõem os conhecimentos essenciais que os alunos da Educação Básica devem aprender, ano a ano, em qualquer lugar do país, com o propósito de reduzir as desigualdades do aprendizado, e oportunizar a todos a chance de aprender o que é considerado fundamental. O documento está estruturado em: **Textos introdutórios** (geral, por etapa e por área); **Competências gerais** que os alunos devem desenvolver ao longo de todas as etapas da Educação Básica; **Competências específicas** de cada área do conhecimento e dos componentes curriculares; e **Direitos de Aprendizagem** ou **Habilidades** relativas a diversos objetos de conhecimento (conteúdos, conceitos e processos) que os alunos devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica — da Educação Infantil ao Ensino Médio. Aos quais os currículos têm de se adequar, os materiais didáticos têm que se adaptar, e a formação dos professores deve abordar.

As competências gerais tratam a respeito de conhecimentos, pensamento científico, crítico, e criativo, senso artístico e cultural, comunicação, cultura digital, autogestão, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação e autonomia, responsabilidade e cidadania, e devem ser desenvolvidas de forma integrada aos componentes curriculares. Enquanto as competências específicas se ocupam de cada área do conhecimento e dos componentes curriculares. E assim, ao componente Língua Portuguesa da Educação Básica, que faz parte a área de Linguagens (também composta por Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa), cabe proporcionar que haja “[...] a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.” (BRASIL, 2017, p.67).

O Eixo Leitura, que como já dito anteriormente, faz parte do ensino da Língua Portuguesa e é parte dessa investigação,

[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p.71)

Nele a concepção de leitura é tomada em um sentido amplo, pois entende-se que ela diz respeito “não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. “ (BRASIL, 2017, p.72). Também é explícito que este eixo interpreta que as práticas leitoras envolvem dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, e que na perspectiva da BNCC, “as habilidades não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, mas por meio da leitura de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana (BRASIL, 2017, p.75). ” Ler é, portanto, entender, decifrar, interpretar, registrar, reproduzir, compreender, e produzir sentido para textos verbais ou multissemióticos.

Posto isto, para que o ensino desse eixo ocorra de maneira organizada é preciso que os professores assumam uma práxis que proporcione aos alunos estes ambientes com práticas de uso e reflexão, e que possibilitem: a reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana; a dialogia e relação entre textos; a reconstrução da textualidade, recuperação e análise da organização textual, da progressão temática e estabelecimento de relações entre as partes do texto; a reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e a validade das informações; a compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos; a construção de estratégias e procedimentos de leitura; e a adesão às práticas de leitura. Essas são as sete (7) dimensões propostas na BNCC, subdivididas em 28 pontos, e que são um norte para o que deve ser alcançado com as práticas leitoras.

Foi a partir desses pontos e dimensões estabelecidos no Eixo Leitura da BNCC, do entendimento que “Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente [...]” (GADOTTI, 2005, p.02), que compreendemos a que a EBD, assim como demais espaços religiosos, é um local de educação não formal com possibilidades educativas diversas. A educação não formal está presente em toda sociedade e estende-se por toda a vida dos sujeitos, e, sabendo que quanto mais se lê, melhor se escreve e se comunica; que procurou-se estabelecer nesta pesquisa as conexões entre as atividades que são propostas e realizadas através das lições bíblicas e os conhecimentos necessários para tornar-se um bom leitor. Pois

vivemos e precisamos estar inteirados das configurações da sociedade do conhecimento. “A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As consequências para a escola, para o professor e para a educação em geral são enormes. (GADOTTI, 2005, p.03) ”.

## **CAPÍTULO II: ENTENDENDO A METODOLOGIA**

A metodologia de uma pesquisa é o que delimita o caminho para a execução de todo o trabalho, atribuindo autenticidade, confiabilidade e valor acadêmico ao processo de escrita. Não significa adotar um conjunto de diretrizes fixas, mas sim construir um procedimento de pesquisa adaptado às necessidades e objetivos. Não trata-se apenas de nomear o que foi feito, mas de selecionar as técnicas e abordagens mais adequadas ao tema e à natureza da investigação. Sendo assim, aqui encontram-se descritos: natureza, meios, instrumentos da pesquisa, universo pesquisado, e metodologia de análise. Possibilitando a compreensão do percurso e das escolhas para a elaboração da investigação.

### **2.1 NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA**

Para o desenvolvimento dessa investigação, os princípios da pesquisa de cunho qualitativo foi a perspectiva adotada. Esse tipo de pesquisa “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. ” (CHIZZOTTI, 1998, p.79). Possibilitando-nos assim, a busca da compreensão dos fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, sabendo que:

Ao buscar compreender é preciso exercitar também o entendimento das contradições: o ser que compreende, compreende na ação e na linguagem e ambas têm como características serem conflituosas e contraditórias pelos efeitos do poder, das relações sociais de produção, das desigualdades sociais e dos interesses. Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa, pois interpretar é

elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido. (MINAYO, 2012, p.623)

A partir dessa perspectiva, analisou-se o conteúdo de leitura utilizado em uma instituição evangélica, mais especificamente das revistas do espaço de ação educativa denominada de Escola Bíblica Dominical, onde há o estudo compartilhado sobre variados temas atrelados à Bíblia e que trazem reflexões sobre ética e moral.

Podemos considerar essa como uma pesquisa documental como a própria revista da EBD e ao decorrer consultaremos também documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Entendemos o documento como toda base de conhecimento fixado materialmente e suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova. Podendo esses documentos serem fontes primárias ou secundárias; escritas ou não. Segundo (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 38): “A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

## 2.2 UNIVERSO PESQUISADO

O foco da investigação foi a estrutura, os textos e as atividades do material que é utilizado para o ensino e para a aprendizagem no espaço da classe dos juniores da Escola Bíblica Dominical, especificamente a revista bíblica, que é a principal ferramenta pedagógica. A revista escolhida contém as passagens bíblicas referentes às parábolas, e é o instrumento base para o desenvolvimento das aulas. As revistas utilizadas na Escola Bíblia Dominical são publicadas trimestralmente, dedicadas expressamente à Bíblia, e têm por objetivo a iniciação e formação permanente dos leitores no livro da Bíblia, para ajudá-los a lerem os textos no seu contexto histórico, geográfico e literário, e a fazerem a transposição da mensagem para os contextos e problemas da vida de hoje.

Com uma tradição de quase noventa anos, a revista Lições Bíblicas da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) é a principal responsável pela coesão doutrinária das Assembleias de Deus no Brasil. De Norte a Sul e de Leste a Oeste, verifica-se que, salvo as questões de usos e costumes e pouquíssimas diferenças litúrgicas, as Assembleias de Deus são doutrinariamente coesas. Isso se deve ao cuidado que se tem desde o suplemento denominado Estudos Dominicais, escritos pelo

missionário Samuel Nyström e publicados no primeiro jornal da denominação – Boa Semente – que circulou em Belém, Pará, no início da década de 1920, passando pelo lançamento oficial da revista Lições Bíblicas, o qual se deu em 1930, na cidade do Rio de Janeiro, até os dias de hoje com o atual currículo, às revistas e ao trabalho voluntário de milhões de professores que, a cada domingo, ministram o mesmo conteúdo bíblico nas igrejas em todo o território nacional.

Apesar de o conteúdo bíblico ser o mesmo desde sua origem, mudanças curriculares aconteceram na elaboração desse material. Segundo o portal de notícias da editora, são esses princípios que norteiam a prática pedagógica da CPAD:

[...] teologia sólida, ortodoxa, bíblica e apologética aliada a uma produção curricular baseada na psicologia do desenvolvimento do ser humano, ocorrido ao longo da vida e em suas distintas faixas etárias, não unicamente nas esferas cognitiva, física, social e moral, mas também e, principalmente, na espiritual. (CARVALHO, 2010)

Pode-se dizer, então, que os responsáveis pelos escritos da Casa Publicadora das Assembleias de Deus entendem que a saúde espiritual dos membros de uma igreja depende de um ensino correto das Escrituras Sagradas, e que esse ensino deve acontecer levando em consideração o estágio cognitivo de aprendizado, o nível de compreensão de mundo, e o grau de conhecimento a respeito da Bíblia, em que cada grupo se encontra. Ainda segundo o autor,

À parte da questão teológica ou doutrinariamente ortodoxa, é preciso pensar nos cuidados pedagógicos, didáticos e filosóficos que fundamentam a elaboração de um currículo. A intenção educacional por trás desses pressupostos é imprescindível e crucial para se vislumbrar que “tipo” de cristão se quer formar. O currículo não pode ser um amontoado de textos desconexos ou simplesmente um “conjunto de revistas”. É preciso entender de desenvolvimento humano em suas diferentes etapas ou faixas etárias para se elaborar um currículo pedagogicamente praticável. (CARVALHO, 2010)

Foi a partir dessas informações, e do contato com a revista, que se procurou analisar como, se, e quais os elementos presentes nesse material estão relacionados ao que determina a Base Nacional Comum Curricular para o Eixo Leitura do ensino de língua portuguesa no Brasil, uma vez que a revista é utilizada por crianças de todo o país, podendo afetar a educação de milhões de leitores.

## 2.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Em relação à análise dos dados, baseamo-nos em alguns pressupostos da Análise do Conteúdo. Sendo assim, realizamos a Análise de Conteúdo da revista bíblica utilizada no espaço da Escola Bíblica Dominical. O fizemos com o intuito de identificar na revista analisada as competências referentes ao Eixo Leitura; identificar, categorizar e analisar o conteúdo das parábolas contidas na lição “As histórias de Jesus”; e indicar como a linguagem utilizada nos textos podem ajudar no ensino da leitura e auxiliar no entendimento e/ou utilização de metáforas, que objetivam a compreensão dos textos. Na análise do material, buscou-se classificá-lo em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos conteúdos. Sendo necessário, portanto, a utilização do conjunto de instrumentos metodológicos pertinentes à metodologia da análise de conteúdo. Já que, como afirma Moraes (1999, p.02):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

Esse método, segundo Bardin (2010), organiza-se nas seguintes fases: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados. A primeira fase, tem por objetivo a escolha e organização do material a ser analisado, onde pesquisador deve fazer a leitura flutuante, e implica em conhecer inicialmente o material e criar familiaridade com ele. Já na segunda e terceira fases, os dados brutos do texto são transformados em uma representação do conteúdo, obtendo as características das mensagens. E a última parte dessa metodologia é a interpretação dos resultados feita por meio da inferência, que para Bardin (2010, p.41) é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”. De forma que o pesquisador – à essa altura – já em pleno domínio do referencial teórico e com a hipótese de pesquisa claramente delimitada é capaz de confrontar os achados com esse referencial.

### **CAPÍTULO III: CONHECENDO A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL**

As edições Lições Bíblicas são largamente utilizadas por igrejas evangélicas do Brasil ao ponto de sua história estar ligada à própria história de algumas igrejas evangélicas brasileiras, a exemplo da igreja que dá nome a editora - Assembleia de Deus -. Portanto, para que possamos analisar esse material didático, é importante conhecer mais a fundo a história do espaço onde ele é utilizado e que funciona dentro das Assembleias de Deus - a Escola Bíblica Dominical -. Assim como seu surgimento nesse espaço, sua estrutura e seu uso durante as aulas. Para que em seguida seja possível entender como seus elementos estão relacionados com o ensino do Eixo Leitura e as especificidades da linguagem utilizada em seus textos.

#### **3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE AS EBD'S**

A Escola Bíblica Dominical é um espaço de educação não formal, porque a educação não formal é aquela que “[...] se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.” (GOHN, 2006, p.28) O surgimento desse espaço não é algo recente, pelo contrário, ele existe há mais ou menos 239 anos. Já em 1737, John Wesley (1703-1791) iniciou estudos bíblicos dominicais em Savannah, Geórgia. E entre 1763 e 1769, Hannah Ball Moore, uma senhora metodista começou estudos bíblicos dominicais em sua própria casa e, a partir de 1769, nas dependências da Igreja (Anglicana) High Wycombe.

No entanto, o início da Escola Dominical, com as configurações atuais, deu-se em 1780 na cidade de Gloucester no centro-oeste na Inglaterra, através de um jornalista e editor chamado Robert Raikes. Ao que se sabe, nesse período pós Revolução Industrial, essa era uma cidade conhecida por sua indústria de tecelagem, mas onde havia entretanto um grande contraste entre a riqueza de uma minoria e a pobreza e o analfabetismo da maioria da população. Raikes que era um homem religioso e que se preocupava muito em melhorar as condições das prisões, visando à regeneração dos criminosos, descobriu que o abandono em que viviam as crianças pobres da localidade e as suas atividades aos domingos, eram um estímulo à prática do crime. Por isso, decidiu



fundar uma escola que funcionava aos domingos, tanto para ocupar lhes esse dia, quanto porque esse era o único dia disponível para as crianças e os jovens que trabalhavam 6 dias por semana, durante 12 horas. Para isso, ele usava a Bíblia como livro de estudo, cantava com os alunos e ministrava-lhes, também, aulas de matemática, história, inglês, noções de boas maneiras, de moral e de civismo. As classes dominicais começaram a se propagar rapidamente por cidades vizinhas e, finalmente, por todo o país. Quatro anos após a fundação, a Escola Dominical já tinha mais de 250 mil alunos, e quando Raikes faleceu em 1811, já havia na Escola Dominical 400 mil alunos matriculados. Em muito pouco tempo, o movimento espalhou-se, fazendo com que várias igrejas ao redor do mundo também organizassem suas Escolas Dominicais, passando a ser a Escola Bíblica Dominical (EBD).

No Brasil, a EBD surgiu em 1855, em Petrópolis (RJ). Através de um casal de missionários escoceses chamados Robert e Sarah Kalley. A primeira aula foi realizada no domingo, agosto de 1855 e contou com somente cinco alunos. Com o passar do tempo, e com o número de pessoas interessadas em estudar a Bíblia aumentando, o missionário Kalley iniciou aulas para jovens e adultos, e juntamente com sua esposa decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, para dar continuidade ao trabalho e aumentar o alcance do mesmo.

Nas EBDs mais antigas, o ensino limitava-se à leitura de passagens bíblicas estudadas simultaneamente por crianças e adultos. Só depois nasceu o desejo de que houvesse um sistema de lições graduadas, que fossem adaptadas ao desenvolvimento de cada faixa etária e que estabelecessem conveniente e necessária promoção de alunos de grau em grau entre os diferentes departamentos da Escola Dominical. No Brasil, e nas Assembleias de Deus, a inserção desse material de estudo deu-se da seguinte forma:

<b>1920</b>	Começa a circular como suplemento do Jornal Boa Somente em Belém, PA, os Estudos Dominicais, o embrião da atual revista Lições Bíblicas, para Jovens e Adultos.
<b>1930</b>	É lançada a revista Lições Bíblicas para adultos, inicialmente comentada pelos missionários suecos Samuel Nyström e Nils Kastberg. A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) ainda não tinha sido fundada.
<b>1943</b>	É lançada a primeira revista para crianças na Escola Dominical das

	Assembleias de Deus, escrita pelas professoras Nair Soares e Cacilda de Brito.
<b>1955</b>	Surge nova revista infantil da CPAD, chamada Lições Bíblicas para Criança, para as idades de 6 a 8 anos. É publicado o primeiro comentário de Lições Bíblicas de autoria do missionário sueco Eurico Bergstén, que viria ser o comentarista com o maior número de lições escritas: 35.
<b>1973</b>	É novamente lançada pela CPAD uma revista para crianças por iniciativa e comentários do pr. José Pimentel de Carvalho, sob o título: Minha Revistinha, para as idades de 4 e 5 anos.
<b>1974</b>	É fundado o Departamento de Escola Dominical da CPAD (atual Setor de Educação Cristã), sob a chefia do pastor Antonio Gilberto. É lançado o Livro "Manual da Escola Dominical", de autoria do pastor Antonio Gilberto, best-seller da CPAD.. É lançada pela CPAD a revista infantil Estudando a Bíblia (atual revista Juniores, para crianças de 9 a 11 anos).
<b>1981</b>	É lançado pela CPAD o Primeiro Plano de Revistas da Escola Dominical para Assembleias de Deus, formulado pelo pastor Antonio Gilberto, que estabelecia, pela primeira vez, revistas para cada faixa etária da Escola Dominical.
<b>1982</b>	É lançada a revista Mensageiros da Fé (atual Adolescentes Vencedores), para crianças de 12 a 14 anos. É lançada revista do Mestre para a revista Lições Bíblicas (Jovens e Adultos), comentadas pelos missionários João Kolenda Lemos e sua esposa Doris Ruth Lemos.
<b>1994</b>	É reformulado e relançado pela CPAD o Plano de Revistas formulado em 1974, com a inclusão de duas novas revistas: Campeões da Fé (atual Juvenis Lições Bíblicas), para adolescentes de 15 a 17 anos, e a revista Discipulando para novos convertidos.
<b>1999</b>	É lançada a revista Lições Bíblicas Mestre em CD-ROM. É lançada a Revista Ensinador Cristão, da CPAD, para circular a partir do 1º trimestre de 2000.

	É reformulado e relançado o Plano de Revistas da CPAD da edição de 1994, tendo as primeiras revistas de Escola Dominical no Brasil totalmente coloridas e tendo a inclusão de mais duas revistas: a Maternal, para crianças de 2 e 3 anos, e a Discipulado Mestre.
<b>2000</b>	São lançadas as revistas de Escola Dominical da CPAD para toda a América Latina pela Editorial Patmos. (editora da CPAD para o mundo hispânico). É lançada a Cartilha Escola Dominical Revistas e Currículos, para pastores, superintendentes, coordenadores de departamentos e professores.

No ano de 2000 a revista passou por uma reformulação na área pedagógica, e em 2007 lançou novos fundamentos nas áreas de Didática, Pedagogia e Psicologia Educacional. Em comemoração aos 75 anos, a CPAD lança uma nova edição que começou a ser utilizada no primeiro trimestre de 2015 e que está em utilização atualmente.

Hoje em dia a revista, ou lição bíblica dominical, faz parte da rotina de estudos e aprendizado que ocorrem no espaço da EBD e sua utilização segue uma programação regular

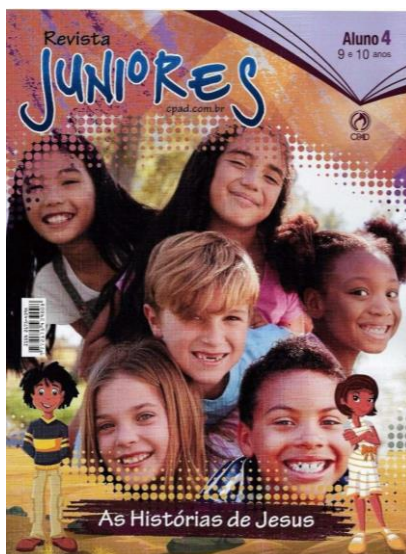
### 3.2 A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Tomando como local de observação as Igrejas evangélicas Assembleia de Deus, as atividades seguem desta maneira: das 09:00 às 09:30 todos os alunos e visitantes da EBD reúnem-se no templo para orar e louvar, nesse primeiro momento são apresentados os tópicos principais da lição que será estudada – além do Título e do versículo-chave -, também acontece a leitura de um ou alguns trechos de passagens da bíblicas relacionadas ao assunto do dia. Essa leitura é participativa, alternada, e em voz alta - o dirigente lê um trecho e a congregação lê outro. Em seguida, cada turma dirige-se aos locais onde se localizam suas respectivas classes, que podem ser dentro do próprio templo ou em anexos ao redor dele, para que então ocorram as aulas das 09:30 às 11:00. Cada sala de aula possui uma rotina própria, e ao encerrar-se o tempo de ensino todos dirigem-se novamente ao templo para a conclusão.

### 3.3 A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E UTILIZAÇÃO

A revista da Escola Bíblica Dominical analisada, é a que está sendo utilizada pelos alunos no ano de 2019, tem por título “As histórias de Jesus”. As revistas da EBD contêm um número de histórias – que são chamadas de lições - correspondentes ao número de domingos que o trimestre possui, 13 na maioria das vezes. Cada lição é dividida em 15 seções, são elas: Título, referência bíblica, saber mais, para meditar, objetivo, memorizando, materiais para as atividades, para começar, explorando as escrituras, bate-papo, vocabulário, boa ideia, atividades, você sabia? e até a próxima.

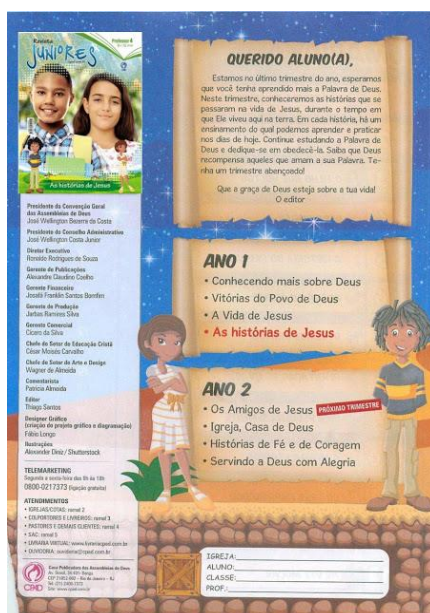
Figura 1 – Capa da Revista



Fonte: Revista da EBD (2019)

Logo no início, o texto da revista trata de dar “boas-vindas” ao aluno, porque está sendo iniciado um novo trimestre. E também apresenta a temática que será estudada durante os próximos três meses. Como: “[...] Neste trimestre, conheceremos as histórias que se passaram na vida de Jesus, durante o tempo em que ele viveu aqui na terra. [...]” Além de conter também os títulos das revistas que foram ou serão estudadas nos dois anos em que os alunos estiverem na sala dos Juniores.

Figura 2 – Apresentação da Revista



Fonte: Revista da EBD (2019)

Em seguida, pode-se encontrar o sumário, que é a lista hierarquizada dos assuntos que serão abordados em cada lição. Este, sempre é enumerado de acordo com a quantidade de domingos que o trimestre possui.

Figura 3 – Sumário da Revista

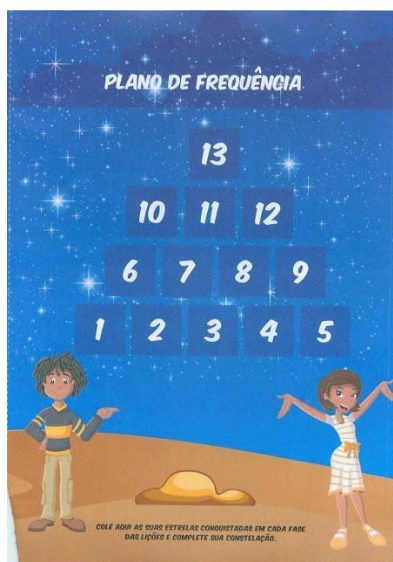
Lesson Number	Lesson Title	Page Number
1	A HISTÓRIA DA SEMENTE	05
2	UMA HISTÓRIA SOBRE A BONDADE	07
3	O FILHO QUE VOLTOU	09
4	SERA QUE É?	11
5	A HISTÓRIA DO PERDÃO	13
6	ROCHA OU AREIA?	15
7	DEVEMOS BRILHAR	17
8	PLANTANDO DE UVAS	19
9	UMA PEQUENA SEMENTE	21
10	A MOEDA PERDIDA	23
11	OS TRÊS EMPREGADOS	25
12	A OVELHA PERDIDA	27
13	AS DEZ MOÇAS	29

Fonte: Revista da EBD (2019)

Há também um último elemento antes das histórias que é o Plano de Frequência. Ele é um mapa para o aluno colar as moedas, estrelas – ou outros símbolos - que são

recortadas em cada lição estudada, a fim de que sua frequência seja acompanhada pelo professor.

Figura 4 – Plano de Frequência



Fonte: Revista de EBD (2019)

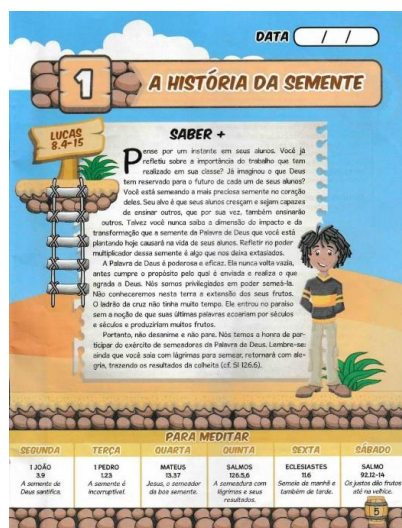
Na primeira página há o título, que é precedido de um numeral que se refere a quantidade de domingos que o trimestre possui, e corresponde ao nome da história que será trabalhada no dia. Logo abaixo, no canto esquerdo, têm-se a referência bíblica, que diz respeito ao local na Bíblia em que a história se encontra.

No centro da página está a sessão “saber +”, nela há uma reflexão relacionada com a temática da lição para ser aplicada na vida do professor e transmitida para os alunos. Por exemplo, se a história do dia é sobre a bondade, e o objetivo é ajudar as crianças entenderem que devem demonstrar amor a todas as pessoas. A reflexão contida nessa sessão provavelmente estimulará o professor a buscar meios de ajudar alguém necessitado, pois ele tem que colocar em prática o conteúdo da lição antes de transmiti-lo.

No fim da primeira página há o “para meditar”, que são versículos bíblicos para serem procurados na Bíblia e lidos a cada dia durante a semana. Esses versículos também estão relacionados com a temática ensinada. Se a história trata sobre semente – vista aqui como a palavra de Deus -, os versículos contidos nessa categoria também estarão relacionados com o tema “semente” e suas variáveis – semeadura, semear, semeador, etc. -, mas podendo ser encontrados em cada passagem com diferentes significados a depender do contexto. Ou seja, é possível que semente seja: tudo aquilo

que, por sua forma ou tamanho, lembre uma semente. Aquilo que, com o tempo, há de produzir certos efeitos; causa, germe, origem. Tudo que se lança à terra para germinar. Ou tenha o sentido de geração, progenitura e descendência.

Figura 5 - Primeira página da lição



Fonte: Revista da EBD (2019)

Na segunda página é possível encontrar, primeiramente, o objetivo que pretende-se alcançar ao fim da aula - são os pontos da lição em que o professor priorizará nas aulas - Aqui, é preciso responder a seguinte pergunta: “O que eu devo ensinar ao meu aluno? ” Os objetivos da lição são apenas sugestões, pois o professor é livre para trabalhar de acordo com a realidade local da sua classe e da sua igreja. E logo abaixo, o item “memorizando”. Que corresponde a um momento da aula em que é realizada alguma brincadeira. A brincadeira varia, mas tem a finalidade que de alguma forma as crianças decorem um versículo-chave que também tem a ver com o tema da aula. Havendo sempre no fim da brincadeira uma explicação sobre ela e/ou sobre o conteúdo do versículo. A versão bíblica usada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), no currículo infanto-juvenil, é a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)<sup>1</sup>, pois se trata de uma versão mais compreensível à linguagem dos alunos das

<sup>1</sup> Existem diferentes versões da Bíblia Sagrada na Língua Portuguesa. As mais utilizadas no Brasil são a Almeida Revista e Corrigida, Almeida Revista e Atualizada, e Nova Tradução na Linguagem de Hoje. A mensagem transmitida por elas é a mesma, no entanto são expressas através de palavras diferentes, ou com a ordem dos termos invertidas. A linguagem utilizada pode facilitar ou dificultar a compreensão dos leitores e ouvintes.

faixas infantis. Na parte inferior esquerda está a seção que lista os materiais necessários para realizar as atividades. E no canto inferior direito, alguns procedimentos ou atitudes que devem ser tomados para que a aula seja iniciada e o assunto introduzido, como: boas-vindas, apresentação dos visitantes, momento de conversa sobre a semana, etc.

Figura 6 - Segunda página da lição



Fonte: Revista da EBD (2019)

Já na terceira página, o destaque fica por conta do “explorando as escrituras”. Essa é uma seção muito importante, pois é nela que está contida a história do dia, sempre de forma resumida, e também em uma linguagem mais simples em comparação a como está escrito o mesmo relato na bíblia da versão Almeida Revista e Corrigida (ARC) – que é mais rebuscada e comumente utilizada pelos cristãos das Assembleias de Deus -. Abaixo dela, está o “bate-papo”, uma seção de sugestão de perguntas a serem discutidas entre alunos e professor. São questões geradoras e que levam a refletir sobre alguns aspectos do tema, como por exemplo: “Se uma semente cair aqui no chão da sala, brotará? ”, ou, “Você já plantou uma semente numa terra ruim? ”. Por fim, nesta página há um vocabulário, que traz a explicação de algumas palavras interessantes presentes na história e que muitas vezes podem ser desconhecidas dos alunos.



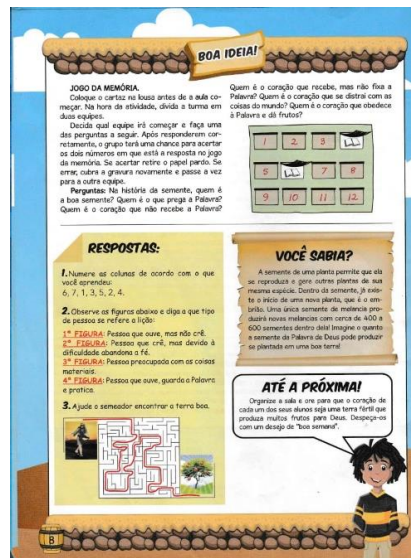
Figura 7 – Terceira página da lição



Fonte: Revista da EBD (2019)

Na quarta e última página, estão presentes as seções: boa ideia, respostas, você sabia?, e até a próxima. A primeira propõe atividades extras, de caráter criativo, para os alunos realizarem, que podem ser jogos da memória, acrósticos, marcadores de livros, caça ao tesouro, entre outros. A segunda traz as respostas das atividades propostas na revista do aluno. A terceira contém curiosidades. E finalmente, a quarta, é uma proposta de despedida da aula do respectivo dia.

Figura 8 – Quarta página da lição



Fonte: Revista da EBD (2019)

Na breve observação realizada, percebemos que em todas as classes a revista, juntamente com a Bíblia, constitui o principal material de estudo, no entanto, há também o uso de outros como: jornais, revistas, dicionários, cartazes e livros. Na sala dos Juniores, a revista, juntamente com a Bíblia, representa o principal caminho que a aula deve percorrer, pois esses dois materiais são consultados durante todo o tempo. Geralmente, o professor começa a rotina na classe dando as boas-vindas aos alunos, pergunta como passaram a semana, deixa que eles compartilhem as novidades, e quando há visitantes os apresenta. Em seguida, explica o que os alunos irão estudar no dia – ou no trimestre, se ele estiver iniciando-se -, apresenta o título e a referência bíblica da história, e realiza uma oração para dar início à aula. Recapitula o que foi estudado na aula anterior, e desenvolve as sessões “bate-papo” e “memorizando”. Depois, “explorando as escrituras”, “vocabulário”, e “você sabia? ”. Na conclusão, as crianças realizam as atividades e brincadeiras propostas no “boa ideia! ” e na parte de “atividades”, e/ou trazidas pelo professor. E por fim, o “até a próxima”.

## **CAPÍTULO IV: A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL E OS COMPONENTES DO EIXO LEITURA**

Após conhecer a origem da revista, sua estrutura e como ela é utilizada nas classes dominicais, buscou-se entender como a utilização desse material fora do ambiente escolar, pode ser um recurso pedagógico complementar no ensino da leitura. Uma vez que os alunos experimentam a leitura por meio de diferentes materiais, que vão muito além dos formatos oferecidos na escola, isso poderá livrá-los de preconceitos literários e prepará-los para ler de tudo e terem um bom desempenho, inclusive, no momento de leitura e interpretação dos enunciados das provas.

Foi a partir das observações dos elementos que fazem parte da revista e da BNCC, e sabendo que

**O Eixo Leitura** compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p.71)

Para análise da RBED foram estabelecidos os seguintes critérios de análise:

Nos itens categoria e subcategoria encontram-se os conhecimentos referentes às dimensões estabelecidas na BNCC, a unidade de registro refere-se à seção da revista em que essas dimensões podem ser encontradas, a unidade de contexto diz respeito ao contexto em que as dimensões podem ser verificadas, enquanto o código trata-se do número da lição em que as dimensões estão presentes.

Dessa forma, temos o quadro a seguir:

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Unidade de registro</b>	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Código</b>
Condições de produção e recepção dos textos	Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação	Você sabia?	Na época de Jesus, o salário de um dia de trabalho no campo valia uma moeda de prata. Esta era uma moeda romana chamada de “denário”. Com um denário, era possível comprar cerca de 8 quilos de pão. A nossa palavra “dinheiro” vem da palavra denário em latim.	L8
Dialogia e relação entre textos	Estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade	Para meditar	<p>Texto 1</p> <p>“João 11.26 Voltar-se para Deus é alcançar a vida eterna”</p> <p>Texto 2</p> <p>“E todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso? ”</p>	L3
Reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações	Refletir criticamente sobre as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se	Bate-papo	“O que é herança? Em que circunstância alguém pode tomar posse de uma herança? O que você acha de um filho que se aproxima do pai para pedir a sua parte da herança enquanto esse pai ainda é vivo?”	L3
Efeitos de sentido	Identificar implícitos e os efeitos de sentido [...] da escolha de	Boa ideia!	“[...] A primeira criança a descobrir a	L3

	determinadas palavras ou expressões [...]		palavra vai até a frente e explica o significado da palavra na história aprendida”	
Estratégias e procedimentos de leitura	Reconhecer/Inferir o tema	Explorando as escrituras	“Que verdade Jesus quis ensinar com essa história”	L1
	Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças	Bate-papo	“O que é preciso para uma semente germinar? Se uma semente cair no chão da sala, botará? [...]. Você já plantou uma semente numa terra ruim? O que aconteceu com ela?”	
	Localizar/recuperar informações	Boa ideia!	“Na história da semente, quem é a boa semente? Sublinhe no texto”	
	Articular o verbal com outras linguagens	Atividades	“Identifique a ordem em que aconteceram as cenas e explique a atitude de cada pessoa.”	L2

Através dos dados organizados no quadro, é possível observar elementos e situações dentro da lição que estão relacionados com as categorias do Eixo Leitura. As sessões da lição e os objetivos propostos por elas não variam, possuem um padrão. O que varia são as formas como o conteúdo é trabalhado com o aluno, e as habilidades que são desenvolvidas.

A primeira categoria do Eixo Leitura, *condições de produção e recepção de textos*, possui quatro pontos que devem ser trabalhados, segundo a BNCC, dentre eles: Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de

vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc.

O fragmento retirado da sessão *você sabia*, mostra como esse espaço da lição é um lugar que traz algumas explicações a respeito do contexto vivido na época de Jesus. Essa sessão é sobre quem era Jesus, quem eram as pessoas com quem ele conversava, como era a vida deles. Pois ele falava com pessoas simples, e utilizava exemplos do dia a dia para tratar diversas temáticas com essas pessoas. Alguns dos exemplos usados por ele, não fariam sentido se fossem usados hoje em nossa cultura. Já que quando produzimos um texto, precisamos atender às condições situadas num determinado tempo, espaço e cultura.

Já a categoria *Estratégias e Procedimentos de Leitura*, que é a mais extensa do Eixo Leitura na BNCC, possui treze pontos que devem ser desenvolvidos. Vemos a sua presença quando há atividades que levam o aluno a Reconhecer/Inferir o tema. O tema é o eixo sobre o qual o texto é estruturado. Perceber qual é o tema é uma questão essencial para a leitura: “O texto trata de quê?” Em muitos textos, o tema não vem explicitamente marcado, mas deve ser compreendido pelo leitor quando identifica a função dos recursos utilizados, como o uso de figuras de linguagem, de exemplos, entre outros.

Foi percebido ao longo da análise que essa é a categoria que é mais trabalhada na revista. Uma dessas estratégias de leitura é estabelecer/considerar os tipos da leitura em suas diferentes modalidades: leitura pelo professor, leitura pelo aluno, leitura compartilhada, leitura para apresentar aos outros.

Ler e apreciar um texto, atribuir sentido a ele, reler, comentar, comparar com outras leituras, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo texto e ampliar seu olhar são ações que a escola deve desenvolver com os alunos em diferentes faixas etárias. E na EBD é possível encontrar essas e outras modalidades como:

**Leitura Compartilhada:** todos os alunos possuem o mesmo texto e cada pessoa faz a leitura de uma parte dele, que pode ser por parágrafo ou o professor indica quem vai ler e em um determinado momento pede que ele pare, para que outros continuem, até concluir a leitura do texto por completo.

**Leitura Pontuada:** é uma leitura com pausa a cada sinal de pontuação. Para realizá-la é necessário indicar quem inicia a leitura e a apontar a ordem sequencial da leitura, isto é, sempre do lado direito de quem está lendo. Orientar que um aluno vai ler e quando encontrar um dos sinais de pontuação (? , . !) ele deve parar, para, em seguida, o colega

do lado direito continuar e parar quando encontrar também outra pontuação, e assim por diante até terminar o texto. E, para finalizar, que realizem uma leitura completa sem interrupções.

Leitura Dialogada: é utilizada com textos no qual há diálogos. Para sua realização é necessário definir quem são os personagens. Em muitos casos, também se escolhe o narrador. É uma leitura feita com a colaboração de várias pessoas com suas falas, observando o momento de cada um ler, para isto é importante que todos os participantes estejam de posse de uma cópia do texto.

A leitura de versículos e de textos na aula da EBD é um estímulo à participação dos alunos, proporciona a fixação, além de oportunizar que os alunos venham a expor as opiniões deles à respeito do que leram, e que entrem em contato com diferentes tipos de textos. Pois o professor pode fazer a leitura de livros, revistas ou de textos da internet sobre o tema da lição, para aprofundamento do estudo realizado em classe.

Dessa forma, na EBD, tanto o conteúdo da leitura, quanto a maneira como ele é apresentado e as atividades que são desenvolvidas a partir dele estão contribuindo para a construção de leitores proficientes. Através da sua dinâmica particular, está participando da formação de pessoas que futuramente saberão não só ler e escrever, mas responder adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

#### 4.1 A LINGUAGEM UTILIZADA NOS TEXTOS DA RBED

Como um dos objetivos de nossa pesquisa é também indicar como a linguagem utilizada nos textos podem auxiliar na compreensão e/ou utilização de metáfora, é que vamos analisar um pouco sobre a linguagem desses textos.

Para interpretar as escrituras tem-se que compreender as três linguagens da Bíblia; a literal, a figurativa e a simbólica. A literal tem a ver com a expressão ao pé da letra; a figurativa são as figuras de linguagem contidas na Palavra de Deus. Por exemplo: Metáfora, Metonímia, Hipérbole, pleonasma e outras. E a simbólica, com os símbolos.

Das parábolas existentes nos evangelhos as que estão presentes na revista são: o semeador, o bom samaritano, o filho pródigo, o joio e o trigo, o credor incompassivo, os dois alicerces, a candeia, os trabalhadores da vinha, o grão de mostarda e o fermento, a dracma perdida, os dez servos e as dez minas, a ovelha perdida, e as dez virgens. Todos estes textos têm um sentido figurativo e o que querem transmitir transcende às próprias palavras da narração. Nesse caso, a história é um veículo para algo mais profundo.

Há também textos bíblicos que são simbólicos e quando os lemos não devemos limitarmo-nos a entender as palavras. Para uma leitura eficaz desses textos é fundamental o estudo do contexto do autor e dos destinatários de tal texto. A falta de compreensão desse contexto, assim como em outras leituras que fazemos ao longo da vida, pode produzir interpretações erradas. Sabemos que

[...] a língua é, concretamente, a capacidade que a espécie humana historicamente desenvolveu para comunicar-se por meio da fala e da escrita. Já a linguagem é uma habilidade específica dos seres humanos, com o uso de uma técnica corporal complexa e que supõe uma função simbólica. [...] esta função simbólica é predominantemente consciente e intencional, decorrendo daí o que se convencionou chamar-se de linguagem figurada. (COSTA, 2006, p. 28)

A revista, por ser baseada nos textos bíblicos, é repleta de figuras de linguagem, principalmente as metáforas. A palavra metáfora tem a mesma raiz de "ânfora", um recipiente usado para guardar óleos e condimentos valiosos, e para carregá-los de um lugar para outro. Da mesma forma que um recipiente guarda algo e pode ser carregado de um lugar a outro, as metáforas guardam muitas informações e têm a capacidade de carregar um texto de um lugar comum à um lugar extraordinário. No entanto, para que essas metáforas sejam compreendidas é preciso que os alunos consigam fazer uma leitura que vá além do está sendo lido ou contado, que apanhem aquilo que quer ser dito. A Bíblia, por possuir uma linguagem mais rebuscada, dificulta que haja essa compreensão, pois, as crianças ainda não possuem um leque gramatical e um conhecimento de mundo extenso, não alcançando sozinhos os significados.

Já a linguagem utilizada na revista é adaptada para o nível de conhecimento que se espera de crianças que estão na faixa etária entre nove e dez anos de idade. Para isso, são modificadas algumas palavras e partes, de forma a facilitar a compreensão dos textos originais encontrados na Bíblia. Por exemplo, o versículo-chave encontrado da Lição 12, intitulada "A ovelha perdida", que foi retirado do livro de Lucas, capítulo 19 e versículo 10 está escrito na revista da seguinte forma: "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar quem está perdido." Enquanto na Bíblia está expresso assim: "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (ARC)". Nesse caso, "havia" que é a 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo do verbo haver, foi substituído por "quem está" que é a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo estar.



O versículo citado está relacionado à história de Zaqueu, um chefe de publicanos – ou cobrador de impostos –, que antes de encontra-se com Jesus ganhava muito bem a vida cobrando do povo mais do que devia – ele estava perdido –. E que depois que conheceu a Jesus, teve sua vida e pensamentos transformados de uma tal maneira, que deu parte de seus bens aos pobres, e aos que tinha defraudado restituiu – e foi salvo –. No entanto, essa mesma passagem também apresenta o sentido de que todos os seres humanos estão de alguma forma perdidos e necessitam ser salvos. Por isso, a substituição de “havia”, por “quem está”. Além disso, a troca das palavras também se dá pelo fato da conjugação do verbo haver ainda ser pouco utilizada por crianças, o que dificulta o entendimento do seu significado.

Através da leitura que é feita em ambos os suportes – a Bíblia e a revista –, e a mediação do professor, é possível e esperado que os alunos passem a captar os diferentes significados que um mesmo texto pode ter. Pois a exposição acontece de forma dialogada, sendo orientada, ao mesmo tempo que orienta, pela problematização, pela análise e pelos saberes dos alunos. Como declara (FARIAS et al., 2011, p.143) a exposição dialogada “[...] responde a três objetivos: abrir um tema de estudo; fazer uma síntese do assunto explorado e alimentar o processo de conhecimento mediante a socialização de recentes descobertas, atualização de dados e apresentações de novas fontes de informação”. Devendo sua execução ser constituída do momento de contextualização do tema, da exposição propriamente dita, e da síntese integradora.

O versículo “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” retirado de Lucas 19.10 por exemplo, apesar de pertencer à uma história distinta, foi escolhido na “lição 12” para ser o ponto chave da aula a respeito da parábola de Lucas 15.1-7 que conta sobre uma ovelha que estava perdida e sobre um pastor que se preocupou com essa única ovelha mesmo tendo outras noventa e nove à salvo em seu aprisco. Ele faz parte do momento contextualização do tema - que gira em torno de mobilizar os alunos para o estudo pela apresentação de situações problemas, fatos e casos ilustrativos -; ponto da aula no qual professor além de trazer explicações sobre o versículo citado, introduz a temática do dia e dá início ao levantamento de questões que exploram conhecimentos prévios.

Objetivando ensinar para as crianças que muitas vezes somos como ovelhas, dependentes, fácil de nos perdermos quando nos afastamos uns dos outros, e que precisamos de cuidado para sobreviver. Além disso, cada pessoa é muito valiosa e por isso não podemos abrir mão de ninguém – mesmo que outras noventa e nove já estejam

à salvo –. Ademais, a escolha de um trecho de uma história para ilustrar outra, estimula os alunos a reconhecerem que pode haver dialogia e relação entre textos, estabelecendo relações de intertextualidade e interdiscursividade. Maximino (2013) citando Bakhtin afirma que

[...] a linguagem é, por constituição, dialógica; e a língua não é ideologicamente neutra, e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se na língua choques e contradições. Em outras palavras, para ele, no signo, confrontam-se índices de valor contraditório. Assim caracterizada, a língua é dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente, e pelo uso, as relações dialógicas dos discursos. A linguagem, seja ela pensada como língua ou como discurso é, portanto, essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica, é o mesmo, para Bakhtin, que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida. (p.)

A linguagem da revista contribui para a aquisição de sentidos, uma vez que facilita o diálogo e a compreensão da mensagem a ser transmitida. Um dos motivos pelo qual Jesus utilizou as metáforas nas parábolas não foi a falta de expressões adequadas no estoque lexical da língua, mas por que esta caracterização pitoresca era um método de ensino muito comum em seu tempo. Através do qual era possível cumprir o propósito tanto de responder perguntas, tirar dúvidas, explicar e transmitir princípios complexos de forma simples, como de ocultar dogmas e mistérios daqueles que não estavam dispostos aprender ou ouvi-lo genuinamente, ou mesmo que queriam testá-lo e debochar de sua pregação. A fim de que a maioria das histórias que contava fizesse sentido para aqueles que as ouviam Jesus empregava representações em contextos que o público entendia; figuras como trabalho, relações familiares, casamento, alimentação, estavam sempre presentes em sua doutrina. Da mesma forma, quando não queria que parte dos ouvintes soubesse do que estava tratando ele usava exemplos ignotos a eles, e que precisavam de uma interpretação mais profunda de seu significado. Jesus contava algumas parábolas à multidão que só eram explicadas aos seus discípulos.

Se para as pessoas que viviam naquela época muitas das metáforas eram incognoscíveis, é compreensível que nos dias atuais seja preciso a contextualização e a explanação para a aceção, principalmente quando a narrativa é direcionada a um grupo que ainda está desenvolvendo conhecimento de mundo. É na EBD e através das aulas realizadas com o auxílio da revista que as crianças têm contato com os diferentes tipos de parábolas, das mais simples às mais complexas, em uma linguagem acessível. Oportunizando assim que ao final das aulas elas consigam, não só relacionar o

comparado com o comparante, mas entender o porquê o autor fez as comparações, qual a sua intenção, qual a conjuntura em que as histórias ocorreram ou foram contadas, quais os significados dos elementos que aparecem nas parábolas, quem era o locutor e os receptores, e como podemos aplicar as mensagens transmitidas há quase dois mil anos em nosso tempo.

Assim, podemos dizer que a linguagem utilizada na revista ajuda na compreensão e utilização de metáforas, uma vez que as crianças passam a ter acesso a esse universo de maneira apropriada para a idade delas, com explicações e pistas que os estimulam a pensar, refletir, soltarem a imaginação. E a partir do momento que se é capaz de reconhecer metáforas, passa-se também a perceber todos os textos do cotidiano de um modo diferenciado. Porque começa-se a fazer questionamentos como: O que será que o autor quis dizer com isso? Qual será o significado desses elementos? Através do entendimento de uma metáfora, o aluno consegue chegar rapidamente a um determinado conceito, alcançar o pensamento abstrato, e se familiarizar com as habilidades literárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler e escrever é uma necessidade em sociedades grafocêntricas, pois a leitura e a escrita fazem parte do nosso cotidiano desde cedo, até mesmo antes de entrarmos na escola. O sujeito que não lê ou não escreve não consegue acessar com totalidade as esferas sociais. E como foi dito anteriormente nesse trabalho: Não basta ler e escrever, tem que fazê-los eficazmente. Você pode concluir o ensino fundamental, passar a vida na escola, ser considerado alguém alfabetizado, e mesmo assim não ser proficiente. Ser proficiente é demonstrar conhecimento, competência e capacidade em algo. Proficiência é um adjetivo para qualificar a pessoa que tem um total conhecimento sobre determinado assunto, que executa tudo com muita proficiência, habilidade e competência.

Para que nos tornemos leitores proficientes, é necessário que sejam trabalhadas as competências e habilidades que são mobilizadas quando realizamos uma leitura. Essas habilidades e competências já estão descritas nos documentos oficiais para o ensino da língua portuguesa, e devem ser aprendidas para que consigamos ler com compreensão os diferentes gêneros textuais, perceber suas intenções e efeitos, bem como saber nos colocarmos criticamente diante dos textos. De forma que possamos aplicar esses conhecimentos em diferentes contextos, e estejamos capacitados para agir e nos movimentarmos nos vários cenários sociais que essas habilidades são requeridas, sem qualquer constrangimento.

Através dos dados aqui apresentados foi possível perceber o contato das crianças com o material didático da Escola Bíblica Dominical, em conjunto com as atividades e saberes aprendidos na escola, pode contribuir para que elas se tornem cidadãs leitoras e letradas. Isso porque o material, abrange pontos imprescindíveis para o desenvolvimento de habilidades de leitura. O espaço da EBD é frequentado através da injunção ou do incentivo de pais, parentes, vizinhos e amigos, mas não há nenhuma lei governamental que realmente torne obrigatória a matrícula e assiduidade de adultos, jovens e crianças no local. E sendo assim, os professores empenham-se para que as aulas sejam dinâmicas e cativem o aluno, de modo que ele voluntariamente retorne todos os domingos. Isso oferece uma certa vantagem em relação à “escola regular”, porque a motivação do aluno há de ser o próprio interesse em aprender e participar das relações

que acontecem no ambiente, sem a preocupação de um órgão fiscalizador, de estar sendo avaliado ou de vir a reprovar.

Esse é na verdade o privilégio dos espaços de educação não-formal: são lugares prazerosos, que valorizam as emoções e as motivações. As pessoas que os frequentam, o fazem por sentirem-se parte do grupo, ou por encontrar algo que lhe que desperte interesse. Com a educação não-formal existe uma maior liberdade para ensinar e aprender, o que facilita o atendimento às necessidades individuais. Mas não devemos pensar que por causa disso ela substitui a educação formal, mas que ela é com certeza um de seus muitos complementos, porque não podemos desvincular o que ocorre fora da escola - no ambiente familiar e cultural -. A educação é algo dinâmico, é um processo constante, resultado de diferentes instituições e relações sociais.

Podemos descobrir e tirar proveito de materiais, métodos e conteúdos circulam na educação não-formal, e que possam ajudar a construir uma excelente educação dentro da educação formal. Para isso, é preciso resgatar o que acontece nos ambientes da “vida real” dos estudantes, e trazer esses saberes para a sala de aula. Assim, eles poderão perceber que também devem levar o conhecimento científico aprendido na escola para o cotidiano. Desse modo, alcançaremos o que tanto desejamos: um ensino no qual não são fornecidos só dados isoladamente que não possuem nenhum significado, mas que trata os dados, que os transforma em informação, e culmina em conhecimento. Pois só o conhecimento pode aplicar saberes, ideias e experiências. “Só o conhecimento elimina o medo e traz poder, e a liberdade” (EUNILTO CRAVAS, ano?, p.?). E ler é a atividade que fornece aos indivíduos os materiais para o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Falar x Comunicar?**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental/falar-x-comunicar>>. Acesso em 20 de mar. de 2018

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BARTON, D. HAMILTON, H. **Local literacies: reading and writing in one community**. London:Routledge, 1998, 299p.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CARVALHO, César Moisés. **A importância das Lições Bíblicas**. Disponível em: <<http://cpadnews.com.br/ensinador-cristao/780/a-importancia-das-licoes-biblicas.html>>. Acesso em: 14 de dez. de 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

COSTA, José Ferreira da. **Linguagem Figurada em passagens bíblicas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3.ed. nova ortografia – Brasília: Liber Livro, 2011.

FISCHER, Steven R. **História da Leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro.(orgs). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação formal/não formal**. Sion: IDE, 2005

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. Investigar em Educação - II<sup>a</sup> Série, Número 1, 2014 Disponível em: <[https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn\\_2014.pdf](https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf)>. Acesso em: 18 de mai. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405/>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

KLEIMAN, Ângela B. 2004. **Abordagens da Leitura**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem

KLEIMAN, Ângela (org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas; Mercado das letras, 1995.

KRESS, Gunther. VAN LEEUWEN, Theo. Front pages: **(The critical) analysis of newspaper layout**. In: BELL, A.; GARRET, P. (Ed.). Approaches to media discourse. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.

LEITURA. In: MICHAELIS, Dicionário Escolar Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/leitura>>. Acesso em: 14 de dez. de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar UFPR, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Disponível em: <[http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_17/libaneo.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf)> Acesso em: 5 de mai. de 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAXIMINO, Silvio Motta. Dialogismo, polifonia e intertextualidade. **Blogspot**, 2013. Disponível em: < <http://oficina-de-filosofia.blogspot.com/2013/10/dialogismo-polifonia-e-intertextualidade.html>>. Acesso em 14 de dez. de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17 (3):621-626, 2012. Disponível em:< <https://www.passeidireto.com/arquivo/20563157/minayo-analise-qualitativa>> Acesso em: 5 de mai. de 2018

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf)>. Acesso em 15 de mai. de 2019.

MORTAT TI, M. R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção Paradidáticos; Série Educação).

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1998. \_\_\_\_\_ . **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 15 de mai. de 2019.